Ponto Urbe
Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

8 | 2011
Ponto Urbe 8

Performance, Arte e Antropologia

Bianca Tomassi

Edição electrónica
URL: https://journals.openedition.org/pontourbe/1939
DOI: 10.4000/pontourbe.1939
ISSN: 1981-3341

Editora
Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica
Bianca Tomassi, «Performance, Arte e Antropologia», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 31 julho 2011, consultado o 01 setembro 2023. URL: http://journals.openedition.org/pontourbe/1939 ; DOI: https://doi.org/10.4000/pontourbe.1939

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 setembro 2023.

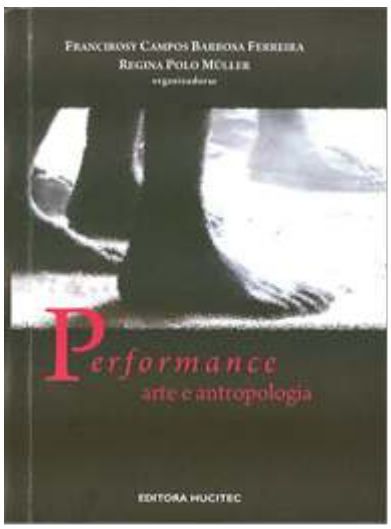
Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0
https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/

Performance, Arte e Antropologia

Bianca Tomassi

REFERÊNCIA

FERREIRA, Francirosy, C.B; MÜLLER, Regina Polo (orgs.). Performance¬, Arte e Antropologia. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.



1 A coletânea Performance, Arte e Antropologia é fruto do evento "Diálogos entre Artes, Antropologias e Performance", que ocorreu em agosto de 2009, na Casa do Lago da Unicamp, promovido pelo Instituto de Artes e coordenado pelas professoras Regina Müller e Francirosy Ferreira. O livro é, de certa forma, um desdobramento do encontro, fomentando um debate acerca da diversidade temática da "Antropologia da Performance".

2 A publicação reúne contribuições de pesquisadores de diversas fases acadêmicas e também do campo da arte: mestres, doutores, professores, atores e performers que se dedicam a estudar e compreender as expressões do sensível e do estético, buscando

contribuições teóricas em antropólogos, artistas e etnógrafos como, por exemplo, Victor Turner, Richard Schechner, Van Gennepp, Eugenio Barba, Clifford Geertz, John Dawsey, Néstor Canclini, Lévi-Strauss, Walter Benjamim, Roland Barthes, entre muitos outros que fornecem, por meio de suas teorias e/ou performances, elementos para que possamos promover um diálogo entre essas (nem tão) diferentes áreas do conhecimento.

3 A apresentação da coletânea é aberta com uma poesia de Francirosy Ferreira, que expõe os conceitos daperformance. A arte poética convida-nos a nos aventurar, a experimentar, a vivenciar e a performatizar. São 17 capítulos, distribuídos em três partes, de acordo com o fio condutor, ou temática, de cada pesquisa. A primeira parte do livro recebe o título "Teorias e suas Artes", que apresenta e discute os principais conceitos existentes acerca daperformance.

4 Paulo Raposo, em seu texto "Diálogos antropológicos: da teatralidade à performance", esclarece-nos que a dicotomia entre arte e ciência deve ser superada e não encarada como simples par de oposição. O autor faz explanações sobre os conceitos de arte e a retrata como uma exposição da realidade, no limite do possível, do dizível e do representável. Embora também possibilite a ilusão, o abismo, a desconstrução social e moral dos sujeitos (...), e intrometa-se na cenografia e na maquilagem do real (p.15). É preciso compreender que a performance não é apenas uma representação, mas uma experiência, uma vivência, uma experimentação.

5 Matteo Bonfitto escreve o terceiro capítulo intitulado "Peter Boork e o Cirt: os anos de ruptura", em que demonstra como Brook percebe e transmite sua arte, levando em conta algumas noções esclarecedoras de Lévi-Strauss como, por exemplo, a ideia de que os mitos são catalisadores das questões humanas mais fundamentais, e que a música, assim como o mito, consegue estabelecer comunicação antes do entendimento intelectual.

6 Regina Müller encerra a primeira parte do livro, com o texto "Carmem Miranda e ritual indígena: experiências de pesquisa em Antropologia da Performance". A autora fala sobre a experiência estética na incorporação de seres míticos e personagens, em que se tenta tornar-se um outro, seja por meio de um ritual, ou pela interpretação de uma personagem. O evento é uma transgressão do cotidiano e a performance deve corresponder a essa transgressão. O corpo, portanto, não realiza mais os mesmos movimentos do dia-a-dia, ele transgride e movimenta-se em outras direções. Mas como Richard Schechner aponta-nos, é nesse momento em que se evidencia o fenômeno do não-não-eu. Esse conceito representa a performance extraordinária do cotidiano, onde os participantes de um ritual, ou um ator durante sua cena, constroem uma performance hibrida, que só é possível quando se está na liminaridade, ou seja à margem, segundo Turner.

7 Na segunda parte do livro, "Imagens, Performances e suas Tecnologias", encontramos capítulos que discorrem acerca das performances que utilizam métodos e recursos tecnológicos. Podemos observar como a antropologia vem enfrentando os desafios da utilização de novas técnicas para fazer o registro etnográfico e como a arte utiliza-se desses recursos na construção de uma performance interativa, na qual o espectador interfere no resultado da obra. Em um dos capítulos, Eduardo Nespoli conta-nos sobre sua experiência entre o povo indígena Assuriní do Xingu, evidenciando a utilização e repercussão de softwares que geram, de forma aleatória, imagens e sons que acompanham os movimentos. Dessa forma, podemos compreender a plasticidade dos

corpos, pois a tecnologia amplia os sentidos, modificando o "estar" no mundo, por meio da interação homem e máquina.

8 "Festas, Rituais e suas Performance" é a terceira e última parte do livro, com seis capítulos que abordam a performance em festas e rituais da cultura brasileira como, por exemplo, as Festas de Agosto, em Minas Gerais, o Lambe Sujo de Laranjeiras (SE) , O Cavalo-Marinho Pernambucano, o Jongo, no Sudeste do país, o Carnaval em São Paulo e a performance da capoeira em tempos de globalização.

9 Percebemos que o livro, mesmo sem pretensões, torna-se uma ferramenta didática, pois transmite os conceitos deperformance, partindo especialmente dos estudos de Victor Turner e Richard Schechner, principais autores dessa área da antropologia. O trabalho apresenta ao leitor diversas leituras possíveis sobre a performance.

10 Cada capítulo traz definições e aplicações sobre performance e, com isso, mostram suas extensões e desdobramentos. O livro traz também outras análises, como a do filme iraniano Às cinco da tarde (2003), de Samira Makhmalbaf, em que é possível observar comportamentos exercidos de forma dupla, por meio da interpretação de "não atores" no filme. Encontramos também um riquíssimo diálogo entre Turner e Barthes, apresentado pela mestranda e fotógrafa Sabrina Sanfelice, que discute o olhar fotográfico. Vale citar o penúltimo capítulo, escrito pela dançarina, coreógrafa e pesquisadora Yaskara Manzini, que discute a questão etnográfica, baseando-se em Clifford Geertz, e a necessidade de apreender e interpretar a multiplicidade de estruturas estranhas, irregulares e inexplícitas, utilizando o comportamento modelado, a vivência, a experiência e a performance como itens indispensáveis na compreensão e análise da cultura.

11 O trabalho na área da antropologia da performance apresenta crescimento no Brasil. O livro é um reflexo disso e aposta em um diálogo interdisciplinar entre Antropologia e Artes [Performance].

AUTOR

BIANCA TOMASSI

Mestranda do IA Unicamp e pesquisadora do Napedra – Núcleo de Antropologia da Performance e do Drama. bianca_tomassi@hotmail.com